

# CARTA DE PARIS

Trazendo Alguns Fatos e Várias Suposições Sobre as Festas Dos Brasileiros

A carta que abaixo publicamos não foi mandada como correspondência para COMICIO; é uma carta particular dirigida a um amigo do jornal, que a trouxe até nós por curiosidade. Como se verá, ela nada contém de sensacional; o missivista não desmente nem confirma as versões que correram sobre a festa aqui no Rio, mesmo porque, provavelmente as desconhece.

Suprimidas algumas passagens impubescíveis (não pelos fatos, mas pela linguagem) a carta é esta:

"Meu velho —

Noventa pessoas surgiram aqui em dois aviões especiais, com uma orquestra de 29 figuras, Tarajá ou Tapajá, não sei. Os grandes figurões — Dona Darcy, Alzirinha, Chateau, Walter Quadros, Maluh Ouro Preto, Maria Barroso, (que simpática!) e outros, divididos entre o Plaza e o George V. A Lourdes Lessa (um anjo, essa menina, que é Secretária do Lourival; não a conhecia, achei uma grande praça) a irmã dela, e a Danuza Leão, uma grande e bonita, com tipo de italiana, de pulseira na perna, ficaram no La Tremoille. A turma dos músicos, com prelinhos adoráveis e as suas sambistas também adoráveis — Edith Cardoso e não sei que Fonseca — no Hotel Moderno, da Praça da República".

## NA EMBAIXADA

"Primeira festa: recepção na Embaixada, Paul Reynaud, Conde de Casas Rojas, etc. Orquestra frevando em salão fechado. No jardim, comensais, salgadinhos e champagne. Nota a destacar: a certa altura, o Chateau agarrou do Reynaud por um braço e quis lançá-lo para o coração. Reynaud resistiu, mas se deixou fotografar com o Chateau e a turma da banda.

Finda a festa, os promotores, o Silveirinha, Quadros, etc., esqueceram os músicos e as sambistas. Ai tiveram alguns sentimentais, com o Vinicius à frente, de se afligir com isso, tentando arranjar condução para toda aquela gente. O Embaixador, danado com o esquecimento, sugeriu que o hotel pagasse os taxis e depois pusesse na conta, pois os músicos estavam sem vintém. Mas na hora o hotel se recusou; foi preciso telefonar para a Embaixada, e lá vieram os diplomatas até a Praça da República resgatar os músicos da fúria dos "chauffeurs". A meia-noite os infelizes ainda não tinham comido; além disso estavam sem dinheiro e nenhum falava francês".

## SEGUNDA PARTE

"Segunda festa, desfile de modelos na casa da Schiaparelli. O belicismo do ritmo contrastando com a majestade cartesiana dos manequins da Alta Costura, etc..

Veio daí, na banda, um prelinho delicioso que imita animais. Ali imitou o macaco, e muito bem, no jardim da casa, com grande regozijo da assistência e a confirmação, para os franceses, de que o brasileiro é uma espécie de bicho que acaba de cair do coqueiro. Enfim,

aquêle prelinho bondoso e de excelente boa-fez contribuiu para a fama de negro simiesco de que goza, no lugar-comum do francês médio, todo habitante de nossos Brasis".

## EM CORBEVILLE

"Terceira festa, a de arromba, Chateau de Jacques Fath, em Corbeville, a 48 quilômetros de Paris. 1.200 convidados. Claudette Colbert, Orson Welles, Jean-Louis Barrault, etc. Champagne a ródio, e salgadinhos, galinha fria e carne de todas as cores e feitios.

Purou-se cordão das 10 às 3 da manhã. A festa começou com a entrada da brasileira. Abria o cortejo uma Dona Emmy ou Hammy, não sei quê, muito famosa na alta sociedade carioca (você sabe que não conheço essa gente) carregada em palanquim por quatro negralhões, nenhum dos quais era, por sinal, brasileiro. Logo atrás, com ar de rainha, vestida como dama da corte de Maria Antonieta, uma senhora a que chamavam, não sei porque, Condessa dos Seguros. Depois as belas moças que daí vieram, muito bem vestidas, à baiana, e outras que aqui estavam, sambando com fúria. Tudo purado pela Lourdes, que é animadíssima e simpaticíssima. A seguir, a orquestra, tocando o "General da Banda", "Mamãe eu quero", etc. Fechando o cortejo, doze vaqueiros de roupa de couro, entre os quais o Chateau, e um homem enorme, de bicórnio, punhal, etc., que era o professor Arbousse Bastide vestido de Lampeão. E começou o samba, o frevo, e choro e baião, o diabo, tudo em cadência de loucura, melhor no Bola Preta, até às 3 da manhã. Muitos homens estavam de camisa de malandro, alguns de marinheiro. Assistiram e sambaram Dona Darcy e Alzirinha.

Lá pelas três da manhã, ao findar a festa, a briga tradicional. Um rapazinho, estudante ou advogado que é bolsista em Paris, numa grande bebedeira, saltou aos beijos para cima das senhoras mais respeitáveis. Foi devidamente escorado, e começou a berrar como uma hiena. Xingava todo mundo, gritava que Chateau é um ladrão e o Jacques Fath um... uma senhorita, digamos assim. O Mário de Oliveira acabou dando-lhe uns trancos, e o Orlando afinal segurou o tal bêbado pelo cós das calças, com muita dignidade, e caminhou através do jardim com êle assim dependurado, para o portão do Castelo. Um francês interveio em favor do rapaz, e levou uma

bofetada do Orlando. O Roberto profligou o procedimento do bêbado, que continuava a gritar e insultar, êle respondeu com palavras, e então foi pôsto definitivamente para fora da festa. Enfim: uma cena típica de festa carioca, da melhor sociedade. Quanto ao resto, nada de extraordinário: os franceses gostaram muito e os brasileiros também. Os casos amorosos que chegaram ao meu conhecimento (coisas de fim festa) me parecem apenas demonstrações mais ardentes da cordialidade franco-brasileira.

Tudo correu, afinal, muito bem. O triunfo da festa pode ser resumido nesta observação do Juca: "nem os cavalos sujaram!" E havia muitos cavalos".

## O PREÇO DA FESTA

Sábado e domingo repetiu-se a festança no Cassino de Deauville. Foi riscado o programa o Carnaval Carioca em Cannes, por falta de verba...

O que se diz: que todo êsse bródio custou 8.000 contos. Que tudo foi à custa da propaganda das "cotonnades" Bangu-sur-mer. Que Chateau papou, com Fath, muitos bons proventos. Dizem outros (gente da oposição) que a vítima afinal, foi o erário brasileiro, pois Silveira e Chateau, fazendo valer a excursão carioca pela França como altamente benéfica para a propaganda da indústria e da cultura brasileiras, etc., obtiveram uma grossa redução não sei em que a Bangu devia pagar ao governo, redução que foi muito além do que aqui se gastou. Eu, na verdade, nada sei de preciso. O certo é que os "convidados" andam fêras com os promotores da festa, pois à última hora tiveram que reduzir o programa das passeatas por falta de verba. Todos andam a comprar coisas às pressas, para meter nas malas, porque viajarão na próxima segunda ou terça-feira.

Dizem que a conta apresentada pelo Fath foi fantástica. Não sei a quanto chegou, mas pelos meus modestos cálculos o bailê de Corbeville não ficou por menos de 10 milhões de francos; acrescente a isso o lucro do Fath, nunca menos de 100 por cento, e imagine. Sei de uma pequena que pediu ao Fath um simples desenho para aplicar ao algodão Bangu de seu vestido de baile. Êle cobrou 120.000 francos, isto é, pelo menos 10 bons Picassos!"

E aqui acaba a carta.

# OS ENXOTADOS

O Sr. Guilherme Romano tem tóda razão. Êle está recomendando aos proprietários de terrenos baldios no Distrito Federal que tomem providências no sentido de, o mais rapidamente possível, cercá-los com muro de alvenaria ou placas de cimento pré-moldadas. Deverão os referidos proprietários — diz a notícia — manter constante vigilância sobre seus imóveis, a fim de evitar a construção de casebres, "colaborando assim com a administração municipal no combate à proliferação de construções clandestinas". A Prefeitura facilitará a construção de muros, tanto no que toca ao licenciamento como à aquisição de material. A Coordenação dos Serviços das Favelas (é essa coisa que o Sr. Romano dirige) "providenciará junto à Polícia de Vigilância uma especial atenção para com os terrenos, cujos proprietários se disponham a cooperar na sobreguarda do seu próprio patrimônio e na solução do problema das favelas".

Essa bela notícia é um pouco falha, pois não nos diz nada sobre as providências tomadas para que essa pobre gente, que invade os terrenos, possa morar em algum lugar. Isso, com certeza, é assunto de outro departamento do governo. Aqui se trata apenas de cercar os terrenos, vigiá-los, SOBREGUARDA-LOS (palavra tremenda) para impedir a invasão desse indesejável: o pobre. Bernard Shaw disse que a pobreza é um pecado; estamos vendo que ela é quase um crime. O casebre do pobre é como uma lepra que se evita erigindo muros e postando guardas particulares e públicos.

Ora, eu não sou a favor de favelas, mas não creio que elas sejam uma praga, uma doença. Elas são, apenas, um sitoma. Essa gente tocada pela miséria da roça não pode esperar que dona Alzirinha venha de Paris resolver definitivamente os problemas rurais, nem que o Dr. Josué cuide do bem-estar social do Sr. Truman. Essa gente tem de comer, tem de morar. Como não tem nenhum terreno, procura os baldios. Se os encontra trancados e guardados aqui, vai além. Há muitos terrenos baldios no Brasil que é, por assim dizer, um país baldio. Podemos, com o fogo e, depois com o cimento e as pauladas e o revólver, impedir que os pobres venham morar demasiado perto dos ricos. Não podemos impedir que eles morem em algum lugar.

Essa Cordenação das Favelas não pensa em resolver o problema: apenas enxota o problema. O problema é o pobre. A pobreza é um pecado. A pobreza é um crime. O melhor é liquidá-la. E o governo parece que está fazendo, neste particular, uma política muito realista: como não quer, ou não pode, acabar com a pobreza, êle procura acabar com os pobres.

Do jeito que vai, acaba mesmo.

RUBEM BRAGA